

Mari Lúcie da
Silva Loreto

Doutora em
Literatura
Comparada pela
Universidade
Federal do Rio
Grande do Sul -
UFRGS, Professora
do Curso de Artes
do Centro de Artes
da Universidade
Federal de Pelotas-
UFPEL e Diretora
Adjunta do Museu
de Arte Leopoldo
Gotuzzo-MALG
da Universidade
Federal de
Pelotas-UFPEL.

Arte urbana e a configuração do grafite em Pelotas

Urban art and the mapping of graffiti in Pelotas

Resumo: O estudo busca delinear um recorte cartográfico dos grafites na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul através da identificação de obras e artistas provindos dessa modalidade artística. Pretende-se discutir a presença do grafite no espaço urbano por meio da observação dos agentes envolvidos nesse processo produtivo. A investigação sinaliza a presença do grafite no cenário artístico contemporâneo discutindo a estética do efêmero, a autenticidade da arte e os diferentes perfis de produção. A problematização aborda a configuração do grafite na cidade de Pelotas, articulando o espaço de vivência e produção simbólica com ênfase na cultura visual e sociologia urbana.

Palavras-chave: Arte urbana; grafite [graffiti, grafito]; cultura visual; Pelotas.

Abstract: *The study seeks to map out works of graffiti produced in the city of Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil by identifying selected artworks and artists related to this artistic category. We intend to discuss the presence of graffiti in urban space by observing agents involved in this process of production. The investigation of graffiti in the contemporary art scene leads to discussing the aesthetics of the ephemeral, the authenticity of art and different production profiles. The problematic addressed includes establishing a configuration for graffiti in the city of Pelotas, articulating spaces of experience and symbolic production with emphasis on visual culture and urban sociology.*

Keywords: *Urban art; graffiti; visual culture; Pelotas.*

O artigo apresenta algumas considerações da pesquisa que busca investigar a configuração da arte urbana explorando e contextualizando os grafites na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul a partir de um estudo das produções dessa modalidade artística. Ao identificar os principais artistas a partir das obras, ações e atividades que impulsionaram a capacidade de criação de um código estético particular, pretendemos observar os meandros das fronteiras culturais e estéticas e a resignificação de linguagens no processo de criação de grafite no espaço urbano.

O presente estudo procura empregar uma metodologia que articula antropologia visual, sociologia urbana e hermenêutica, para circunscrever o campo de ação a partir deste mapeamento inicial da produção artística em grafite na cidade de Pelotas. A pesquisa busca identificar os artistas-grafiteiros e selecionar um grupo representativo do tema tendo como critério a relevância de atuação no cenário artístico contemporâneo na cidade de Pelotas, bem como os antecedentes históricos dessas produções artísticas.

A pesquisa de campo, complementada com uma metodologia empírico/analítica, prevê um levantamento de dados e documental (fotos e vídeos), acrescida de entrevistas com os artistas-grafiteiros em questão, buscando investigar seus processos de criação. Ao aprofundar a pesquisa com uma metodologia teórico/crítica, propõe-se uma reflexão sobre os trabalhos plásticos desses artistas, realizados em espaços públicos e/ou institucionais de arte, os espaços envolvidos e uma análise da transformação estética, os conceitos, processos e procedimentos artísticos.

O texto que segue delineia traços concisos sobre o surgimento do grafite em Pelotas e ressalta a preocupação estética no processo de criação e a associação ao espaço em que o trabalho se insere e o reconfigura.

O espaço urbano reconfigurado

O espaço urbano é, desde sempre, apropriado e sinalizado por diferentes agentes que, deste modo, contribuem para a composição de uma especial cartografia simbólica. Comunicação implica a existência de uma linguagem. A arte urbana consegue imprimir várias modalidades de grafismo, alguns ricos em detalhes e outros mais simples. Temos muitos exemplos desse tipo de arte, como grafite (*graffiti*), adesivos (*stickers*), colas, lambe-lambe, molde vazado (estêncil) e intervenções. O grafite é, de fato, uma linguagem, com as suas convenções estilísticas, códigos e modelos comunicativos, partilhados pelos membros da comunidade. Os exercícios que dão origem ao grafite revelam uma vontade de atribuição de um novo sentido à cidade.

A cidade é o habitat do grafite contemporâneo, uma linguagem particular que invoca todo um horizonte perceptível, que se oferece ao nosso olhar e reconfigura a paisagem urbana. A cidade é, em muitos sentidos, feita para se ver, e o olhar sempre foi um dispositivo essencial de orientação neste meio, como alguns dos autores clássicos em ciências sociais já assinalaram nas primeiras décadas do século passado (SIMMEL, 2009 [1903]; BENJAMIN, 2006 [1935]).

A dissertação *Expressão e imaginário do grafite na cultura Hip-Hop: a vez e a voz de um grafiteiro de Pelotas* do pesquisador e ex-professor da área de Comunicação da UFPel, Nicola Caringi Lima (2007) é uma excelente fonte de pesquisa sobre o cenário de grafite emergente em Pelotas, da qual é a base de muitas das informações aqui citadas, bem como a dissertação do grafiteiro atuante, Asnoum, cujo trabalho apresento a seguir. Segundo Caringi Lima, o grafite em Pelotas surge na década de noventa ou final dos oitenta articulados com as manifestações Hip Hop e os “bailes *black*” (CARINGI *apud* CRUZ JUNIOR, 2007, p. 28). Beethoven Mendonça dos Santos, um dos pioneiros do grafite na cidade ressalta que, “o uso da tinta spray,

próprio da grafiteagem, só começou entre nós no ano de 1997, com a realização de um trabalho coletivo, do qual ele próprio participou, e que foi patrocinado pelo jornal pelotense Diário Popular.” (CARINGI, 2007, p.44). Beethoven salienta ainda que essas reuniões motivaram a “formação dos grupos de periferia, que se multiplicaram na década seguinte, tendo em mira a valorização de uma cultura própria e a realização de atividades comunitárias” (*Ibid*).

No contexto mais amplo e internacional do Hip Hop e do grafite, Caringi Lima (2007, p. 44) observa que, “o grafite em Pelotas foi retardatário em relação à eclosão musical Hip-Hop na cidade”. Vinícius Fouchy Moraes, grafiteiro atuante hoje em Pelotas, conhecido pelo pseudônimo de Bero relata:

O grafite veio aparecer entre meados e fim dos anos 90, um pouco por meio de filmes, geralmente de gang, e programas de TV, mas até então eu não tinha um acesso direto ao spray nem via o uso do mesmo como ferramenta para arte. Então rolou um movimento aqui na cidade com um pessoal da antiga, chamado STO Crew, que pintou um mural em um posto de gasolina na Rua Ferreira Viana e acabou saindo na TV. Com isso o pessoal ia lá olhar, e vendo aquele painel pintado todo com spray comecei a ir atrás de informação sobre o grafite. (BERO, 2015)

O acesso à informação na época era muito precário e as produções de arte de rua eram influenciadas pelas revistas e inspiradas pela comunidade do grafite, Hip Hop e do skate, transformando-se com o passar do tempo (CARINGI, 2007). No início dos anos 2000, a cena do grafite pelotense era ainda descentralizada, ou seja, aparecia esporadicamente e em lugares pontuais. Atualmente, o interesse pela arte urbana aumentou e o grafite ganhou espaço no mercado da arte e nas galerias, e novos seguidores incorporaram-se ao cenário do grafite na cidade.

NIC

NIC (Diego Moura) é um dos grafiteiros pelotenses mais antigos, integra a cena desde 2002, espalhando sua TAG (assinatura, marca pessoal). Participa de duas crews (conjunto de grafiteiros), HCK (Hard Core Klã) e CDL (Clube Da Letra). Executa suas imagens diretamente na parede, grafite feito sem esboço para auxílio, estilo conhecido como FreeHand (CRUZ JUNIOR, 2015, p. 28), (Figura1).



Figura 1: NIC, grafite, Pelotas, 2011. Fonte: CRUZ JUNIOR, 2016, p.23. Disponível em: < <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3685> >

ASNOUM

ASNOUM (Paulo Roberto Costa Cruz Júnior) nasceu em Pelotas e iniciou a fazer grafite em 2002. Mestre em Artes Visuais na linha de pesquisa Processos Criativos e Poéticas do Cotidiano do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, explora a escrita na sua condição de lingua-

gem visual. Como abordou em sua dissertação, intitulada CaligrafiaAsnoum: graffiti, calligrafiti e criação de signos visuais (CRUZ JUNIOR, 2015), seu trabalho no grafite e nas artes visuais está voltado para a caligrafia e assim, apropria e mistura as técnicas da caligrafia e as do grafite, com a memória e a imaginação (2015, p. 70 e 106). Em sua produção evidencia os esforços na compreensão dos códigos visuais a partir de uma recodificação do alfabeto, referência que determina a criação de sua linguagem visual, com regras próprias. Em processo autoral, gera e apresenta seu próprio modo de escrever, desconstruindo as letras e as reconstruindo através de uma organização de seus traços.



Figura 2. Junior Asnoum, Pelotas, 2018. Foto: Autora.

O artista participou de inúmeros eventos nacionais e internacionais de grafite, e exposições coletivas e individuais. Ministrou *workshops* de Grafite e Caligrafia no *Pixel Show* que, segundo seu site (< <https://pixelshow.co/sobre-o-pixel-show/> >), é um dos maiores festivais de criatividade da América Latina com apresentações de bandas, tatuagem, exposições, oficinas e gastronomia e que acontece anualmente em São Paulo. Como designer, desenvolve estampas para algumas marcas como Bastard Wear, BatCat Tattoo Wear e Mestre Wear.

Ao transitar pela caligrafia urbana e criativa, estilo camuflagem, ou seja, “provocando assim a criação de estratégias de camuflagem sob um pseudônimo” (CRUZ JUNIOR, 2015, p. 34), sem distinção entre grafite e pichação, já que os dois são signos visuais recombinaíveis, o artista busca um caminho autoral e complexo (Figura 2). Segundo Brum (2017),

Partindo de exemplos de pinturas rupestres, o grafiteiro defende que deixar uma marca na parede é uma necessidade humana. Sem diferenciar o graffiti da pichação, pois os dois em essência tem o mesmo princípio: pintar no corpo da cidade um signo visível.

POVO

POVO! ou OPOV, (Felipe da Conceição Silva, Porto Alegre, 1982) é um artista que a partir de 2006 realiza intervenções com colagens de cartazes e adesivos com a figura de um palhaço em preto e branco com o nariz vermelho, sua marca registrada (Figura 3). Artista plástico, arte educador graduado em Artes Visuais pelo Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, RS, foi influenciado por ilustrações de shapers de skate do final dos anos 80 e anos 90, capas de discos, fanzines e cartazes de bandas.



Figuras 3: Povo, POVO!, Adesivo. Foto: Autora.

Felipe Povo utiliza inúmeras técnicas e suportes em suas produções como: pintura, xilogravura, serigrafia, desenhos, estêncil e encadernações de publicações de seus trabalhos no formato de fanzine. Além dos grafites expostos nas paredes da cidade, participa de exposições coletivas e individuais (Figura 4). É autor de um manifesto escrito em 2007.

Arte Manifestação Pública

Minha manifestação foi iniciada a partir de minha inquietação diante de um mundo miserável e devastador. Minha preocupação com as pessoas de nosso país diante da desigualdade, da fome, da descrença, da desvalorização etc. Partindo desses e de diversos outros problemas sociais, políticos e econômicos presentes em nosso sistema, comecei então a relacionar o mundo das pessoas que circulam pelas ruas. E a pensar de que forma eu através de imagens artísticas, poderia mexer de alguma forma com as pessoas que estavam a minha volta e, principalmente as que circulam pelas ruas da cidade. (Meu conceito de arte está plenamente relacionado com o meio social e político de nossos convívios. Procuo estabelecer nos desenhos e em toda a forma de expressão que apresento, alguma relação com o mundo que vivo. A partir de então, faço minha manifestação, sempre com o intuito de atingir de alguma maneira as pessoas que as observam) (POVO, 2014).



Figura 4: Povo, detalhe de grafite, Pelotas, 2018. Foto: Autora.

Ao investigar os meandros das fronteiras culturais e estéticas e a diversidade de linguagens no processo de criação de grafite no espaço urbano identificamos obras, ações e atividades que impulsionaram a capacidade de criação de um código estético particular, que observa a esfera social, política, lúdica e as nuances intrínsecas à contemporaneidade. Observa-se esta diversidade também em imagens colaborativas de dois grafiteiros pelotenses, Povo e Guinr, que combinam seus códigos singulares nesta produção do estúdio Zero 53, que será discutido a seguir (Figura 5).



Figura 5. Guinr, Povo; Zero 53, detalhe de grafite, Pelotas, 2016. Foto: Autora.

GUINR

GUINR (Guilherme Nunes da Rosa) é artista visual e Bacharel em Design Gráfico pelo Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas e tem um trabalho focado no grafite e arte urbana. Em suas criações, explora distintos procedimentos técnicos das manifestações da arte de rua e do grafite provenientes desse universo. Segundo o sítio do artista, Guinr (2018) “realizou diversas mostras coletivas e individuais, além de ter participado de inúmeros encontros nacionais e internacionais, tais como Street of Styles, Pixel Show e R's e N's de design”.

Como artista urbano, Guinr explora todo tipo de suporte para realizar seu trabalho, ao compreender que a prática do desenho poderia conquistar espaços públicos. Considera que a intervenção na rua seja a forma mais simples e direta de arte (GUINR, 2018), em atmosfera de cor e expressão para a cidade como forma de quebrar a monotonia da paisagem urbana. A inspiração para os traços com a lata de spray vem da conexão com as pessoas, imersões e vivências cotidianas.

Segundo Brum (2016), “o traço marcante para o artista foi a decoração grafitada das *skateparks*; ele compreendeu que o seu desenho praticado em casa, poderia ganhar espaços públicos através da pintura com spray”. A versatilidade no uso das cores e pluralidade em sua composição apontam Guinr como um dos grafiteiros mais presentes no corpo da cidade. Seu personagem, o Narigas, pode ser encontrado em diversos lugares no espaço urbano: em muros, portões, fachada de casas ou prédios comerciais, garagens, carros, trailers, placas, caixas telefônicas, dentre outros (BRUM, 2016) (Figura 6). Com essa imersão Guinr acredita na transformação do espaço e sua ressignificação.



Figura 6. Guinr, grafite, Pelotas, 2018. Foto: Autora.

Gordo 17

Gordo 17 (Fernando Villar Muswieck), natural de Pelotas, nasceu em 1987. O artista é formado em Artes Visuais pela Universidade Fede-

ral de Pelotas. Seu interesse pela arte do grafite surge em 2001. A arte de Gordo 17 é versátil, instigante e crítica e pode ser encontrada em diferentes tipos de materiais e superfícies (paredes e muros da cidade em especial). O artista utiliza a ideia de “se espalhar”, e mergulha nesse processo de expandir sua arte, de modo peculiar, com elementos de pop arte. Mescla em suas pinturas o seu personagem Herbert, caligrafias e suas mensagens. Herbert aparece nas mais variadas situações e em muitos lugares do cenário urbano. Esse personagem (inspirado no produtor de cinema e empresário Herbert Richers) pode ser um reflexo da personalidade do artista, e sofre algumas alterações em sua aparência.

O material usado em seu processo criativo é diversificado: spray, carvão, caneta Posca, aquarela, nanquim e vários tipos de tinta. O uso de frases e palavras, que podem ser simples ou complexas, além de uma caligrafia própria são características dos seus trabalhos que mesclam cores, traços, palavras e o seu personagem no intuito de contagiar as pessoas que observem (Figura 7).



Figura 7. Gordo 17, detalhe de grafite em muro, Pelotas, 2017. Foto: Autora.

Gordo 17 se expande não apenas em sua arte de rua, mas produz telas e vários objetos de uso cotidiano. Ele acredita que todo trabalho contribui para *viralizar* sua mensagem. Associada à experiência que adquiriu com o tempo, Gordo busca inspiração em cada momento vivenciado, na interação com as pessoas, no próprio dia a dia, nos seus ínfimos detalhes. Suas obras são encontradas em Pelotas e várias outras cidades.

Constitui o estúdio chamado Zero 53 juntamente com Guinr (Guilherme Nunes da Rosa) e RNEM (Rafael Vicentini), que é um espaço criativo voltado para tatuagem, pinturas e ilustrações e o grafite (Figura 8).



Figura 8. Zero 53, detalhe de grafite, Pelotas, 2018. Foto: Autora

Théo Gomes

Théo Gomes nasceu em Bagé, Rio Grande do Sul e atualmente mora em Pelotas, onde cursou Artes Visuais na Universidade Federal de Pelotas. Trabalha com ilustração, pintura em tela, grafite e tatuagens. Expõe desde os doze anos. Herdou a paixão pelo desenho do seu avô materno, que era desenhista, mas faleceu quando ele tinha apenas

seis anos. Em sua linguagem usa a “simbologia do desenho como uma forma de meditação, de olhar para dentro e contatar o divino” (DIONÍSIO ARTE, 2016).

Desenvolveu diversas séries como a que tem inspiração em turbantes. Em seu percurso percebe-se um amadurecimento na técnica e inserção de outros materiais (aquarelas, giz pastel e desenhos em nanquim) e reflexão sobre o processo de criação. O artista aprecia seus sketchbooks, livros repletos de desenhos que procuram transmitir uma sensação de leveza. Théo Gomes afirma:

Através de padrões e linhas, o desenho descreve memórias, trazendo à tona narrções gráficas de uma atmosfera que permeia o onírico e o real. O observador entrará em um mundo de memórias, minuciosamente criado através de detalhes feitos por quem submergiu no próprio oceano. (COGOY, 2018)

Théo apresenta uma técnica que valoriza os traços e linhas do desenho, seus grafites tem uma qualidade gráfica minuciosa e precisa (Figura 9).



Figura 9: Théo Gomes. Detalhe de grafite realizado no Spray'sons Festival de Graffiti de Pelotas, 2017. Foto: Autora.

GES

Nascido na cidade de São Leopoldo, o artista GES (Guilherme Endres Soares) reside em Pelotas desde criança, quando já mostrava interesse pelo desenho. Teve um primeiro contato com spray, em meados de 2002, através da prática do skate e, a partir disso, buscou ampliar suas aptidões artísticas. Possui diversos grafites espalhados em diferentes cidades do estado do Rio Grande do Sul, além de outras cidades no Brasil e no exterior, tais como Argentina, Peru, Espanha, Alemanha e Holanda. Para GES o grafite é diversão, amizade, respeito, atitude, ao encontro da presença de uma satisfação pessoal.



Figura 10. GES, Pelotas, 2017. Foto: Autora.

Atualmente ele estuda o realismo, a partir de referências fotográficas, dando ênfase no contraste de luz e sombra, movimento, articulações, utilizando cores complementares e buscando adquirir um estilo próprio e original com seus personagens ou detalhes de elementos decorativos urbanos (Figura 10).

VEIZ

VEIZ, Gabriel Moraes é artista urbano com estilo particular, desenhista e ilustrador. Ministra oficinas voltadas a crianças portadoras de Síndrome de Down e trabalha como tatuador, sendo reconhecido internacionalmente por sua arte. Em 2006, participou de diversas exposições artísticas, tendo sido selecionado para expor na Bienal de Arte, Ciência e Cultura realizada na Fundação Progresso no Rio de Janeiro, e também no Circo Voador no Rio de Janeiro. Nos murais na rua, sua forma de grafite incorpora letras estilizadas que dificultam a leitura, algumas vezes interligadas pela ilusão de volume tridimensional. As inúmeras camadas e formas mais complexas das letras são características do *Wildstyle*, estilo complicado e elaborado de grafite (Figura 11).



Figura 11. VEIZ, Pelotas, 2018. Foto: Autora.

Veiz expôs em galerias internacionais (Canadá, Austrália, e Irlanda do Norte) e no Brasil participou de mostras no Palácio das Artes em Belo Horizonte (MG), na Galeria Mundo Arte Global em Porto Alegre, RS e no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo-MALG/UFPel em Pelotas, RS. Na Funarte em Minas Gerais, o artista possui obra no acervo permanente do Centro Cultural Funarte, MG. Como

[1] Raconte ce détail à la famille : les indépendants sont ouverts ici avec gros succès. Une de mes amies sous un pseudonyme masculin, Richard Mutt, avait envoyé une pissotière en porcelaine comme sculpture. Ce n'était pas du tout indécent, aucune raison pour la refuser. Le comité a décidé de refuser d'exposer cette chose. J'ai donné ma démission et c'est un potin qui aura valeur dans New York. .

desenhista profissional, trabalhou em diversas marcas: Mormaii, Timberland, Volkswagen, Mitsubishi, Calvin Klein, entre outras.

VEIZ e GES representam um estúdio chamado Série Wall Killers em Pelotas, com ênfase na realização da tatuagem, ilustrações e pinturas comerciais, e especialmente a essência do grafite, os muros da cidade (Figura 12).



Figura 12. VEIZ, GES, Estudio Série Wall Killers, Pelotas, 2018. Foto: Autora.

BERO

BERO (Vinícius Fouchy Moraes) cursou Artes Visuais, na Universidade Federal de Pelotas/UFPel em Rio Grande do Sul, buscando ampliar sua experiência sobre os procedimentos e possibilidades artísticas, por exemplo, em relação aos materiais e técnicas de pintura. Ao refletir sobre o fazer e sua preocupação estética, identifica-se com os

expressionistas, as imagens com texturas, volume e ênfase na gestualidade do pincel. *Sprayssionismo* é como Bero denomina sua poética. É também o nome do documentário realizado em Pelotas que aborda a trajetória de Bero e o modo como aprendeu a sua arte na ilegalidade das ruas, transmitido pela TVE em 2016 (SPRAYSSIONISMO, 2015/2016).

Bero explora em suas obras novas possibilidades de suportes, alguns difíceis de serem preservados. O efêmero está presente em sua poética. Versatilidade e transgressão são também encontradas nos grafites que realiza nos muros e paredes da cidade. O impulso criativo na destreza e sensibilidade na ação do jato de tinta, o uso das sobreposições de cores em diferentes traços, a acumulação de detalhes e descontinuidades das linhas são características do seu processo artístico (Figura 13)



Figura 13. BERO, Grafite, Pelotas. Foto: Autora.

Bero também é o idealizador do *Spray'sons Graffiti*, um evento que envolve muitos grafiteiros da cidade de Pelotas, e de todo país com o intuito de grafitem um muro cedido com pluralidades de estilos (Figura 14). Em 19 de junho de 2018 ocorreu a sexta edição do evento, mobilizando muitas pessoas que simpatizam com arte urbana e liberdade de expressão.



Figura 14. Spray'sons, festival de graffiti, Pelotas, 2017. Foto: Autora.

O texto apresenta alguns recortes dos resultados parciais da etapa inicial da pesquisa que buscou identificar obras e artistas inseridos no perímetro urbano da cidade de Pelotas. Até o momento encontramos os seguintes nomes dentre os artistas urbanos representativos: Bero (Vinícius Fouchy Moraes), Asnoum (Paulo Roberto Costa Cruz Júnior), Povo (Felipe Silva), Ges (Guilherme Soares), Veiz (Ga-

briel Moraes), Gordo17 (Fernando Muswieck), Guinr (Guilherme Nunes da Rosa), Théo Gomes, Bruno Lavermo, Thiago Inq, Agabe (Henrique Borges) Drum (Rafael Sousa), Rnem (Rafael Vicentino), Samuel Zion, Ludzilla (Cesar Zulu), João Simples, Noiabing, NCL, Losr. Alguns dos grafiteiros identificados ainda não foram estudados até o presente momento e por este motivo não constam deste recorte. A próxima etapa prevista contempla entrevistas com os artistas selecionados, conversas informais, observação e registro fotográfico, registro em vídeo e recolha documental para verificar, em especial, a diversidade de estilos encontrados nos grafites em Pelotas (Figura 15).



Figura 14. Spray'sons, festival de graffiti, Pelotas, 2017. Foto: Autora.

A paisagem polifônica da cidade é reconfigurada a partir desses diferentes estilos da arte urbana, carregados de múltiplas vozes que dimensionam os paradigmas estéticos e visuais e as assimetrias sociais e culturais. É esta cidade contemporânea, saturada de significados e polifônica, que abriga o grafite como elemento indissociável do seu cenário. (CAMPOS, 2010)

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

BERO – artista pelotense da sua trajetória no grafite. Entrevista concedida a **Maloka Skate**, 2015, disponível em: < <http://www.malokaskate.com.br/2015/07/03/grafite/> >. Acesso em: 23 fev. 2018.

BRUM, Lucian. Sprayssionismo. In: **Plataforma palpíte** (sítio), 11 mai. 2011, disponível em: < <https://plataformapalpite.wordpress.com/2016/05/11/sprayssionismo/> >. Acesso em: 10 fev. 2018.

_____. Uem Odunum Arig. In: **Plataforma palpíte** (sítio), 10 abr. 2016, disponível em: < <https://plataformapalpite.wordpress.com/2016/04/10/uem-odunum-arig/> >. Acesso em: 12 abr. 2018.

_____. Visita ao Atelier: Junior Asnoum. Ideias de Asno. O calígrafo do graffiti Pelotense. In: **Plataforma palpíte** (sítio), 30 jan. 2017, disponível em: < <https://plataformapalpite.wordpress.com/2017/01/30/visita-ao-atelier-junior-asnoum/> >. Acesso em 4 abr. 2018.

CAMPOS, Ricardo. **Porque pintamos a cidade?** Uma abordagem etnográfica do graffiti urbano. Lisboa: Fim do Século, 2010.

CARINGI LIMA, Nicola. Expressão e imaginário do grafite na cultura Hip-Hop: a vez e a voz de um grafiteiro de Pelotas. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas, 2007.

COGOY, Carlos. Ágape: exposição “do sonho ao pesadelo. **Diário de manhã**, Pelotas, 8 mar. 2018, Notícias, s/n. Disponível em: < <http://diariodamanhapelotas.com.br/site/agape-exposicao-do-sonho-e-do-pesadelo/> > Acesso em: 19 fev. 2018.

CRUZ JUNIOR, Paulo Roberto Costa. CaligrafiAsnoum: graffiti, calligrafitti e criação de signos visuais. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, 2016.

DIONÍSIO ARTE (sítio), 18 nov. 2016, disponível em: < <http://www.dionisioarte.com.br/Théo-gomes-e-suas-varias-formas-de-arte/> > Acesso em 15 abr. 2018.

FORTUNA, Carlos. Narrativas sobre a metrópole centenária: Simmel, Hessel e Seabrook. **Cadernos metrópole**. São Paulo, v. 13, n. 26, pp. 379-393, jul/dez 2011. Disponível em: < http://cadernosmetropole.net/system/artigos/arquivos/000/000/215original/cm26_216.pdf?1474650654 >. Acesso em: 12 abr. 2018.

FRANCO, S. M. Iconografias da metrópole: grafiteiros e pixadores representando o contemporâneo. 2009, 175 f.: il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura/Projeto Espaço e Cultura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo/FAU-USP, São Paulo 2009.

GANZ, Nicholas. **O mundo do grafite** - arte urbana dos cinco continentes. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GUINR, site do artista Guilherme Nunes da Rosa, 2018 disponível em: < <https://www.Guinr.com/> >. Acesso em 15 fev. 2018.

HOME, Stewart. **Assalto à Cultura**: subversão guerrilha na (anti) arte do século XX. 2ª ed. São Paulo, SP, Conrad, 2005.

LUCIE-SMITH, Edward. **Art Today**. New York: Phaidon, 2007.

MUNHOZ, Daniella R. M. Graffiti: uma etnografia dos atores da escrita urbana de Curitiba. 2003 175p: il. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Paraná/UFPR, Curitiba, 2003.

POVO, Felipe. Arte Manifestação Pública. In: Mostra no espaço Daniel Bellora. **Diário da Manhã**, Pelotas, 30 mai. 2014. Disponível em: < <http://diariodamanhapelotas.com.br/site/mostra-no-espaco-daniel-bellora/> > Acesso em: 10 abr. 2018.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito** (1903). Covilhã: LusoSofia Press, 2009.

SPINELLI, João J. Alex Vallauri. **Graffiti** - fundamentos estéticos do pioneiro do grafite no Brasil. São Paulo: BEI Comunicação, 2010.

SPRAYSSIONISMO. Produção Bruno Leites e Alexandre Masotti. Direção Maciel Fischer. Pelotas: Bah! Filmes, documentário, vídeo digital a cores, 2015. Trilha musical: Nick Beats, Tiago Vandal, Zudzilla, Eduardo Freda e Dhyán Diano. Secretaria do Estado da Cultural e TVE/RS. RS Pólo Audiovisual - Histórias do Sul, TVE/RS, 06 mai. 2016, 8:30.

Théo Gomes e suas várias formas de arte. In: **Dionísio arte** (sítio), 18 nov. 2016. Disponível em: < <http://www.dionisioarte.com.br/Théo-gomes-e-suas-varias-formas-de-arte/> > Acesso em: 15 mar. 2018.